

Entre os muros da escola

Direção Laurent Cantet

França, 2008

Inspirado no livro de François Bégaudeau,

Entre les murs

Leonora Corsini

*Entre os muros [da escola]*¹²⁴ de Laurent Cantet, além de ter sido premiado com a Palma de Ouro em Cannes e de ter sido indicado para concorrer como melhor filme estrangeiro na premiação do Oscar, é um filme que vem chamando a atenção e animando debates por seus inegáveis méritos, nas mais variadas áreas de interesse. A primeira delas é, como o próprio título destaca, a escola e o campo educacional. O filme retrata o interior de uma escola de ensino médio localizada na periferia de Paris, local onde vivem muitos imigrantes e seus descendentes. Grande parte das cenas se passa no interior de uma sala de aula de alunos na faixa de 15-17 anos, e as relações entre estes e François Marin, professor de Francês e Literatura (personificado por François Bégaudeau, autor do livro *Entre les murs* que inspirou o documentário de Cantet). Decerto é um filme sobre as dificuldades e conflitos nas relações entre professores e estudantes em uma sala de aula, mas não se trata de um filme de professor clássico, como *Ao mestre com carinho*, *Sociedade dos Poetas Mortos*, ou o mais recente *Escritores da Liberdade (Freedom Writers)*. Além de inovar na linguagem cinematográfica e no próprio processo de realização da filmagem (atores não-profissionais vivendo diante de múltiplas e moventes câmeras seus próprios papéis, falando em nome próprio de suas realidades

124 Coloco entre colchetes propositalmente, por achar que a solução dos tradutores “encerra” um pouco a discussão de um tema que o título original “*Entre les murs*” sugere mais amplo.

cotidianas), Cantet constrói uma “geografia” aberta da sala de aula, que se propõe a oferecer um painel abrangente da sociedade francesa hoje, profundamente alterada e até mesmo questionada em seus “igualitários” preceitos republicanos, a partir das migrações, discutindo “por dentro” as questões de poder, produção de conhecimento, hierarquias, desigualdades.

De fato, a sociedade francesa hoje – e, de resto, a de grande parte do mundo globalizado – se parece muito com aquela sala de aula, povoada por descendentes de africanos, asiáticos, antilhanos, latino-americanos, sempre às voltas com ameaças de expulsão, deportação, punição, deslegitimação social etc. Na esteira aberta por esta problematização, *Entre os muros* presta-se também a uma reflexão mais ampla a respeito das questões trazidas pelas migrações e pela globalização no mundo pós-colonial. Destaco duas possíveis leituras que, acredito, podem se articular com esta problematização mais geral: a da tensão entre a disciplina e a modulação, formas de controle que foram analisadas por Foucault e Deleuze; e a questão do confinamento, do encerramento, que é contígua à do controle, sugerida pela figura dos “muros”, que a tradução identifica com os da escola, mas que poderiam ser estendidos a outros domínios, inclusive aos centros de detenção de imigrantes considerados “ilegais” que se multiplicam na Europa hoje.

Philippe Zarifian resume muito bem em *À quoi sert le travail?* (Paris: La Dispute, 2003) a hipótese deleuziana de como a crise das sociedades disciplinares estudadas por Foucault – cuja forma paradigmática é o encerramento e o molde (os muros!) – e a expansão das sociedades de controle, que operam, sobretudo, por modulação, obrigam-nos a repensar toda a problemática das relações de emancipação, não apenas em termos da

resistência (aspecto sem dúvida crucial), mas também como um deslocamento de perspectiva. Não que as formas disciplinares tenham sido pura e simplesmente descartadas e substituídas pelas modulações do controle; elas se sobrepõem, se atualizam e até mesmo se intensificam nas relações contemporâneas, que Zarifian qualifica como “relações de emancipação”. Cito: “para além da resistência, essas relações podem ser pensadas como relações nas quais o indivíduo-sujeito se envolve subjetivamente no exercício de sua potência, nos devires onde ele modula e contra-efetua os acontecimentos” (op. cit., p. 27). Neste sentido, o filme deixa sugerida a idéia de passagem como deslocamento nos interstícios, nos entre-espacos das formas adotadas na sociedade disciplinar e as formas modulares da sociedade de controle – as idas e vindas entre o molde e a modulação, os permanentes embates entre os arcaicos – porém, em muitos casos, ainda dominantes – modelos hierárquicos e autoritários, e o desejo de emancipação, de libertação e transformação.

O professor François Marin personifica este conflito de maneira emblemática. Por um lado, ele acredita que a escola é o lugar do processo de emancipação, e este processo tem de vir “de dentro”, tem que ter ressonância com um desejo ou um interesse do estudante. Por isto convida e incentiva seus alunos a falarem de si mesmos, de suas vidas, de como aquilo que aprendem em sala se conecta com suas experiências de “fora”. Evidentemente, para este tipo de aprendizagem, de nada servem os moldes punitivos, coercitivos e “de cima para baixo” que nortearam (e ainda norteiam) os modelos disciplinares das escolas tradicionais. François não acredita em punição e castigo, empenha-se em levar seus alunos a refletirem sobre o que fazem. Mas, as coisas não se passam bem assim, pelo menos não o tempo todo. Em algumas cenas o vemos

explicar a um aluno (o asiático Wey), que diz se envergonhar da maneira agressiva e desrespeitosa com que seus colegas discutem entre si, que, na verdade, não se trata de vergonha, mas sim de falta de “disciplina”, de educação; em outro momento tenso, depois de chamar Khoumba para uma conversa depois da aula e repreendê-la por ter se recusado a ler um texto, acaba fazendo com que ela se desculpe formalmente por sua atitude, formalmente e com anacrônica deferência: “desculpe-me, senhor professor, por ter sido insolente”. As palavras do professor são ainda mais duras quando ele perde a cabeça (não sem alguma razão) pelo comportamento acintosamente provocador das representantes da classe Esmeralda e Louise (que ele classifica como típico de “vagabundas”) durante o Conselho de Classe. A provocação das meninas acaba levando a uma situação de impasse – entre a norma e o direito – que culmina na expulsão de Souleymane, o imigrante africano que tem muitas dificuldades para se manter na escola, problemas familiares, e a quem François tenta incentivar e apoiar, na contramão dos preceitos disciplinares da escola. Então, a luta de François em sua sala de aula é permanente e paradoxal: por um lado, revela sua insatisfação com a disciplina e os muros da hierarquia; mas, por outro, ele não consegue se emancipar totalmente desses mesmos muros (que estão também dentro de nós!). Creio ser este um ponto de fundamental importância, porque indica como a luta (e o desejo) por emancipação e liberdade é uma luta permanente, aberta, arriscada, e portanto, constituinte, como diz Antonio Negri.

Entre os muros serve também como metáfora para a questão da perseguição e da criminalização dos migrantes. E como associar uma escola da periferia francesa com lugar de confinamento? Para fazer esta conexão, tomo emprestado de Sandro Mezzadra o conceito de confim, que ele utiliza em

suas análises acerca do “duplo espaço” que caracteriza a vida dos migrantes (cf. *Derecho de fuga*, edições Traficantes de Sueños, 2005). Para Mezzadra, fronteiras são sempre porosas, atravessáveis, bastante típicas de (e desejáveis em) espaços de circulação, de troca e de produção de subjetividade (como as cidades, os países, e também as escolas...); ao passo que confins, ao contrário, são linhas fixas e imutáveis: etimologicamente designam linhas que se traçam no chão para demarcar e separar, exercendo um efeito coercitivo e de bloqueio. O território da União Européia é marcado por confins – linhas que delimitam espaços no interior dos quais alguns cidadãos podem se movimentar livremente, sem necessidade de vistos, permissões ou passaportes. Mas, para os migrantes indesejados, os “estrangeiros, clandestinos, ilegais” lembrados por Manu Chao em sua canção, as fronteiras porosas transformam-se de fato em confins, definindo verdadeiros espaços de confinamento, onde os direitos são suspensos e onde as relações também se transformam, passando a operar segundo a lógica da dominação e da desigualdade. Os centros de detenção de migrantes que se multiplicam na Europa hoje remetem, segundo Mezzadra, à crise, aos múltiplos “deslocamentos” e tensões que marcam o conceito e a própria prática institucional da cidadania. Assim, os dramas de Souleymane, Wey, Boubacar, Nassim, Carl, personagens reais do nosso filme, refletem os cada vez mais tensos problemas de uma Europa que se pretende um espaço democrático e igualitário, e acaba retrocedendo, na verdade, às mais selvagens formas de racismo, intolerância e xenofobia.

O filme *Entre os muros* evoca muitas questões que se entrelaçam, mas uma questão que para mim permanece crucial é: se a escola – e também a universidade – é um dos principais espaços de constituição de

liberdade, e se não queremos mais os muros da disciplina, qual a escola que queremos (e podemos) construir?

■..... Leonora Corsini é psicóloga, pesquisadora do LABTeC-UFRJ e participante da rede Universidade Nômade.

Glob(AL): Biopoder e Luta em uma América Latina Globalizada

Giuseppe Cocco e Antonio Negri

Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005

Alexandre Mendes

No livro *Glob(AL): Biopoder e Luta em uma América Latina Globalizada*, Giuseppe Cocco e Antonio Negri realizam um valioso esforço teórico na criação de uma nova gramática política, afinada com as atuais mudanças que vivencia a região latino-americana.

Em contraposição às leituras tradicionais, duas inflexões “metodológicas” presentes no livro são fundamentais: a primeira, no marco de uma verdadeira ontologia da resistência, afirma o traço sempre constituinte e potente da liberdade. Os êxodos, migrações e fugas, com seus múltiplos sujeitos – o escravo, o camponês, o nordestino, o trabalhador etc. – constituiriam, longe de derrotas sempre reeditadas, as bases para a produção de uma democracia mestiça, colorida e nômade, contraposta ao cromatismo da dominação racista. “Canudos venceu!”, proclamam os autores. A segunda inflexão defende a relação direta entre a potencialização das condições sociais da produção (cidadania) e o desenvolvimento econômico da sociedade. “Construir riquezas e ter direitos deve se transformar na mesma coisa”.

Nesse campo, o sonho nacional-desenvolvimentista é desnudado como crescimento sem democracia e produção econômica sem direitos. O resultado é claro: ditadura culminando em hiperinflação e, em seguida, o neoliberalismo: exaurida alternativa apresentada pelo biopoder para anular a democracia. Contudo, no livro, o fracasso do passado inspira a esperança no presente. O “vento da democracia começa a se tornar impetuoso no

subcontinente americano”. Se o desafio político aberto pela recente eleição de governos de esquerda passa pela relação inconclusa entre movimentos e governos, é o conceito de poder constituinte que se torna ao mesmo tempo evidente e enigmático.

Desvendá-lo é tarefa daqueles que, com coragem, abandonam velhas e fórmulas de pensar o mundo. Nesse sentido, o livro *Glob(al)* é uma efetiva contribuição a essa empreitada e expressão, ele mesmo, das transformações do continente em sua insubmissa “marcha da liberdade”.

■.....**Alexandre Mendes** é Defensor Público do Estado do Rio de Janeiro, doutorando em direito (UERJ), editor da Revista *Lugar Comum: estudos de mídia, democracia e cultura*, participante da rede Universidade Nômade.